

SER BÍBLICO EM UMA ACADEMIA PLURALISTA¹

Kevin J. Vanhoozer²

Resumo

Este ensaio examina dois sentidos do que significa ser bíblico em uma academia pluralista. O primeiro é examinar a Bíblia como um documento da universidade, suscetível a muitos tipos de sondagem crítica. O restante do ensaio explora o segundo sentido, que é usar a Bíblia como a narrativa de controle autoritativo que articula como os cristãos veem Jesus Cristo como o fundamento, a gramática e o objetivo tanto da universidade quanto do próprio universo. Ele examina como a autoridade bíblica deve e não deve ser empregada na academia, observando as ciências naturais e humanas. Em seguida, extrai quatro implicações para a importância de se usar a Bíblia como o imaginário social da pesquisa acadêmica, com ênfase especial em como ser bíblico evita o pecado capital dos acadêmicos: o reducionismo.

Palavras-chave: Bíblia; universidade; autoridade; imaginário social; reducionismo.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**

Organização: Comitê Científico

Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 12/06/2025

Aprovado: 3/10/2025

Como citar: VANHOOZER, K. J. Ser bíblico em uma academia pluralista. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-32, e2029, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2029>.

¹ Publicação original em inglês: “Being Biblical in a Pluralistic Academy”, *Andrews University Seminary Studies*, v. 57, n. 2 (2019), p. 327-351. Artigo reproduzido em português com permissão.

² Ph.D. pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. Professor de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School. Deerfield, Illinois (EUA). E-mail: kvanhooz@tiu.edu.



BEING BIBLICAL IN A PLURALISTIC ACADEMY

Abstract

This essay examines two meanings of what it means to be biblical in a pluralistic academy. The first is to study the Bible as a university document, subject to various kinds of critical inquiry. The rest of the essay explores the second meaning, which is to use the Bible as the authoritative controlling narrative that articulates how Christians view Jesus Christ as the foundation, grammar, and goal of both the university and the universe itself. It examines how biblical authority should and should not be employed in the academy, considering the natural and human sciences. It then draws four implications for the importance of using the Bible as the social imaginary of academic research, with special emphasis on how being biblical avoids the capital sin of scholars: reductionism.

Keywords: Bible; university; authority; social imaginary; reductionism.

SER BÍBLICO EN UNA ACADEMIA PLURALISTA

Resumen

Este ensayo examina dos sentidos de lo que significa ser bíblico en una academia pluralista. El primero consiste en estudiar la Biblia como un documento universitario, susceptible de varios tipos de análisis crítico. El resto del ensayo explora el segundo sentido, que es utilizar la Biblia como la narrativa de control autoritativa que articula cómo los cristianos ven a Jesucristo como el fundamento, la gramática y el propósito tanto de la universidad como del propio universo. Se examina cómo la autoridad bíblica debe y no debe emplearse en la academia, observando las ciencias naturales y humanas. Luego, extrae cuatro implicaciones sobre la importancia de usar la Biblia como el imaginario social de la investigación académica, con especial énfasis en cómo ser bíblico evita el pecado capital de los académicos: el reduccionismo.

Palabras clave: Biblia; universidad; autoridad; imaginario social; reduccionismo.

INTRODUÇÃO

O estudo da Bíblia, mais precisamente nos séculos 12 e 13, deu origem à formação das primeiras universidades europeias (cf. Haskins, 1957). O que começou na Itália, França e Inglaterra medievais como comunidades acadêmicas em escolas catedrais ou monásticas, dedicadas à interpretação da Bíblia, evoluiu gradualmente para as instituições de ensino superior com as quais estamos familiarizados hoje. Nas primeiras universidades, muitas das disciplinas — especialmente o *trivium* da



gramática, lógica e retórica — concentravam-se nas habilidades de leitura e comentário das Escrituras e de raciocínio sobre suas implicações (cf. Evans, 1980).

Isso foi naquela época. A Bíblia, que antes servia como fundamento autoritativo da universidade, tornou-se agora simplesmente mais um documento a ser estudado sob uma variedade de pontos de vista disciplinares, incluindo histórico, linguístico, sociológico, psicológico, filosófico e arqueológico (Betz, 1981). Essa reviravolta leva a duas maneiras contrastantes de ser bíblico em uma academia pluralista.

A BÍBLIA COMO UM DOCUMENTO DA UNIVERSIDADE

Ser bíblico em uma academia pluralista significa, em primeiro lugar, submeter a Bíblia ao estudo de diversas perspectivas disciplinares.³ Há certa ironia nisso: na universidade medieval, os alunos tinham primeiro que aprender gramática, lógica, retórica e outras disciplinas para lerem bem a Bíblia (cf. Evans, 1984). Em contraste, os alunos da universidade moderna podem estudar a Bíblia como parte de um curso sobre religiões mundiais, história antiga, antropologia ou mesmo literatura inglesa. Como novo membro do corpo docente da Universidade de Edimburgo, fiquei interessado em saber que havia apenas duas cátedras em sua fundação, em 1582, em Divindade e Humanidade, respectivamente.⁴ Na época em que estudei lá, cerca de 400 anos depois, no entanto, havia dezenas de especializações acadêmicas: desde epidemiologia cognitiva, passando por biotecnologia, parapsicologia, ciências moleculares de plantas e astrobiologia até etnologia escocesa (é claro), história intelectual e ambiental e estudos do sul da Ásia. A academia é, portanto, pluralista, em certo sentido, simplesmente porque possui tantas disciplinas e departamentos. Cada disciplina acadêmica visa o conhecimento especializado sobre algum aspecto do universo. A maioria dos acadêmicos acredita que sua perspectiva disciplinar oferece insights importantes sobre o mundo natural ou humano — sobre algum aspecto da realidade — e que esses insights devem, portanto, informar a visão de mundo de uma pessoa. No entanto, como é possível ter uma visão de mundo unificada

³³ Para uma importante análise do século 20 sobre o impacto do pluralismo no estudo da teologia, veja David Tracy (1996).

⁴⁴ Da mesma forma, a Universidade de Paris contava com apenas algumas faculdades em sua fundação, no século 13: teologia, medicina, direito e artes. Para um vislumbre do papel da teologia, veja Spencer E. Young (2014, p. 1215-1248).



quando, graças à força centrífuga da especialização crescente, não está mais claro o que unifica uma universidade?⁵

A Bíblia, como documento da universidade, pode, em princípio, ser objeto de estudo em múltiplos departamentos. Trechos da Bíblia podem ser atribuídos a cursos de estudos do Antigo Oriente Próximo, história europeia moderna, literatura comparada ou mesmo filosofia. Os estudantes atuais na América do Norte têm maior probabilidade de encontrar cursos na área bíblica no departamento de religião. Na América do Norte e em muitas universidades europeias, o estudo de teologia e escolas de teologia deram lugar ao estudo de religião e aos departamentos de estudos religiosos.⁶ É uma mudança fatídica: no contexto da universidade secular moderna, estudar religião é estudar a crença e o comportamento religioso humano — antropologia, não Deus.⁷

Considere como era estudar a Bíblia na Universidade de Oxford do século 19, quando ela não era mais uma universidade medieval, mas sim uma universidade completamente moderna. Os compromissos de fé tinham que ser verificados na porta do laboratório ou da sala de aula.⁸ Para serem dignos de confiança, os acadêmicos tinham que aceitar um novo credo: o naturalismo metodológico, outro nome para o método científico moderno e sua exigência de que apenas causas naturais explicam os fenômenos naturais.⁹ A declaração clássica do naturalismo metodológico no que se refere ao estudo da Bíblia é a famosa palestra de Benjamin Jowett, de 1860, “On the Interpretation of Scripture” [Sobre a Interpretação das Escrituras] (Jowett, 1907, p. 1-76). Jowett era professor régio de grego em Oxford e clérigo. No entanto, sua palestra propunha que, por ser um documento da universidade, a Bíblia fosse lida “como qualquer outro livro” — isto é, como qualquer outro livro *escrito por seres humanos historicamente condicionados que não foram inspirados*

⁵ Na mesma linha, John Sullivan questiona se, e em que medida, a prática da leitura na universidade está em declínio. Em um gesto que evoca o papel unificador da Bíblia na universidade medieval, Sullivan sugere que a recuperação da instrução e conhecimentos básicos da Bíblia podem influenciar a maneira como outros tipos de leitura são realizados na universidade (Jeffrey; Evans, 2007, p. 216-239).

⁶ Essa tendência pode ter começado com Friedrich Schleiermacher, que fez da fé cristã (sentimento religioso humano) o objeto de seu estudo, em vez do próprio Deus (cf. Schleiermacher, 1928; Cady; Brown, 2002).

⁷ Para uma introdução à antropologia da religião, veja James S. Bielo (2015).

⁸ Para um estudo clássico do desafio para uma fé, como o cristianismo, que se baseia em afirmações históricas, veja Van A. Harvey (1996).

⁹ Para uma crítica do naturalismo metodológico de um ponto de vista cristão, veja Del Ratzsch (2000, p. 122-129; Plantinga, 2003a, p. 107-134).



sobrenaturalmente. Acadêmicos subsequentes ficaram felizes em atender à proposta de Jewett — tanto que Michael Legaspi pôde intitular seu estudo da Bíblia na universidade moderna como *The Death of Scripture and the Rise of Biblical Studies* [A Morte das Escrituras e a Ascensão dos Estudos na Área Bíblica] (Legaspi, 2010). É em grande parte a história de como a Bíblia perdeu seu status de Escritura autoritativa quando passou a ser lida “como qualquer outro livro”. De fato, na universidade moderna não se lê as Escrituras cristãs, mas apenas o que Legaspi chama de “Bíblia acadêmica”. Como qualquer outro documento da universidade, a Bíblia tornou-se sujeita a quaisquer métodos, abordagens disciplinares ou visões de mundo que por acaso estejam *à la mode* (ou seja, modernas; na moda).¹⁰

Tudo mudou novamente com o advento da pós-modernidade. Os estudiosos bíblicos pós-modernos abandonaram a ilusão de que podem abordar o texto com a mentalidade científica de objetividade neutra.¹¹ Para muitos pensadores pós-modernos, a racionalidade desinteressada, tão valorizada pela modernidade, é uma máscara por trás da qual se escondem inúmeros interesses ideológicos. A racionalidade nunca nos dá um ponto de vista divino, mas sim situa-se em uma cultura, época, etnia, gênero e classe específicos. Os críticos pós-modernos veem a interpretação bíblica com desconfiança. Aqueles que leem a Bíblia não estão servindo à fé, como nos tempos pré-modernos, ou ao conhecimento crítico, como na modernidade, mas sim à sua própria vontade de poder ou à vontade de sua comunidade interpretativa. Não existe leitura neutra, pois toda interpretação da Bíblia é política, no sentido de que está envolvida em uma disputa por poder.¹² Na academia atual, onde os exércitos modernos e pós-modernos se chocam dia e noite, as críticas pós-coloniais e ideológicas competem com várias formas de crítica histórica pelo direito de se gabar de quem está lendo a Bíblia corretamente. Como

¹⁰ A obra de James Barr é típica da erudição bíblica crítica moderna. Veja, em particular, seus livros *The Bible in the Modern World* (1973) e *Holy Scripture: Canon, Authority, Criticism* (1983).

¹¹ Veja a pesquisa introdutória de A. K. M. Adam, *What is Postmodern Biblical Criticism?* (1995) e A. K. M. Adam *Handbook of Postmodern Biblical Interpretation* (2000).

¹² Para um exemplo de abordagens que apresentam tipos variantes de crítica ideológica, veja o trabalho de Castelli *et al.* (1997).



Dorothy¹³ poderia dizer: “Totó, tenho a sensação de que não estamos mais em 1860”.¹⁴

Uma maneira intrigante de estudar a história das ideias seria examinar as mudanças nos rumos dos comentários bíblicos. De fato, talvez não haja barômetro intelectual e cultural mais revelador do que a maneira como as pessoas leem, interpretam e se apropriam da Bíblia. Não é a Bíblia em si, mas a maneira como a lemos, que atua como um espelho no qual vemos todas as nossas paixões e preocupações. Cada tendência social, cada moda acadêmica, eventualmente se manifesta no tipo de comentários que as pessoas escrevem.¹⁵ A academia influencia os métodos que utilizamos para lermos a Bíblia; a cultura mais ampla influencia nossas sensibilidades quanto *ao que lemos* nas Escrituras ou *ao que prestamos atenção* nas Escrituras. Todo tipo de teoria literária e crítica literária eventualmente se manifesta nos comentários bíblicos. Da mesma forma, cada preocupação ou movimento cultural, do feminismo ao marxismo e o meio ambiente, tem seus respectivos defensores na arena da interpretação bíblica. Muitas dessas abordagens críticas e preocupações temáticas são úteis na medida em que iluminam este ou aquele nível ou aspecto das Escrituras. No entanto, com demasiada frequência, impõem preocupações e inquietações mundanas ao texto, e estas podem ou não corresponder aos interesses do próprio texto e às intenções dos seus autores.¹⁶

Seria um erro pensar que não havia lugar para a fé na leitura da Bíblia como documento da universidade. Essa não é a minha afirmação. Minha afirmação, em vez disso, é que interesses especificamente cristãos e eclesiais foram deslocados por vários interesses disciplinares e ideológicos na academia pluralista: “É impossível

¹³ Nota do tradutor: Dorothy é uma personagem da obra *The Wonderful Wizard of Oz* (O Maravilhoso Feiticeiro de Oz) de 1900; retratada no filme *The Wizard of Oz* (O Mágico de Oz) de 1939. Totó é o nome do seu cachorro. A famosa fala de Dorothy ocorre quando um tornado leva sua casa para a terra mágica de Oz, e a personagem diz “Toto, I’ve a feeling we’re not in Kansas anymore” (“Totó, tenho a sensação de que não estamos mais no Kansas”). Vanhoozer reutiliza essa frase, substituindo “Kansas” por “1860”.

¹⁴ Para uma interessante coleção de ensaios sobre a situação atual da universidade presa entre as correntes modernas e pós-modernas, veja Ronald Barnett (2015).

¹⁵ Não é mera coincidência, por exemplo, que o feminismo tenha eventualmente gerado a interpretação bíblica feminista. Veja, por exemplo, Newsom, Ringe e Lapsley (2012) e a série *Feminist Companion to the Bible*, publicada pela Sheffield Academic Press. Há também comentários africanos, afro-americanos, mulheristas e queer. Outra tendência importante que vale a pena notar é o número crescente de comentários pós-coloniais. Veja, por exemplo, Hemchand Gossai, *Postcolonial Commentary and the Old Testament* (2019) e Fernando F. Segovia e R. S. Sugirtharajah, *A Postcolonial Commentary on the New Testament Writings* (2009).

¹⁶ Veja mais em meu “Theological Commentary and ‘The Voice from Heaven’: Exegesis, Ontology, and the Travail of Biblical Interpretation,” (2013, p. 269-298).



fazer pesquisa, envolver-se na atividade da investigação acadêmica, sem se basear, em grande medida, em compromissos pré-teóricos que não podem ser justificados em bases teóricas” (Wolters, 2007, p. 60, tradução nossa). Portanto, não é que os acadêmicos leiam a Bíblia sem fé, mas que a leem de acordo com suas próprias convicções racionais e culturais mais profundas – chamemos isso de fé *secular* (cf. Smith, 2015).

AS DISCIPLINAS ACADÊMICAS NA PERSPECTIVA BÍBLICA: O PANORAMA GERAL

Como Sansão despojado de seus cabelos, a Bíblia na academia pluralista de hoje tornou-se tão fraca quanto qualquer outro livro. Os estudiosos bíblicos da Universidade de Oxford, Robert Morgan e John Barton, provavelmente expressaram isso da melhor maneira: “Textos, como homens e mulheres mortos, não têm direitos, objetivos ou interesses. Eles podem ser usados da maneira que os leitores ou intérpretes escolherem” (Morgan; Barton, 1988, p. 7, tradução nossa). Muito mais poderia ser dito sobre as inúmeras maneiras pelas quais a Bíblia está sendo hoje analisada, investigada, dissecada e desconstruída como um documento da universidade. No entanto, proponho aqui levar meu título em uma direção diferente, onde a Bíblia seja menos um objeto inerte e mais uma heurística eficaz – uma lente interpretativa viva e ativa (cf. Hb 4:12). O objetivo é explorar os possíveis papéis positivos que a autoridade bíblica pode desempenhar no contexto da universidade multidisciplinar de hoje. Especificamente, quero explorar se os estudiosos cristãos podem ser bíblicos em outras disciplinas além das áreas bíblicas, história da igreja e teologia – e, se sim, como.¹⁷

Uma hipótese preliminar

Começo com uma hipótese preliminar: a contribuição mais importante da Bíblia para a universidade em geral, e para seus diversos departamentos acadêmicos em particular, consiste não em fornecer um conjunto específico de dados, mas sim uma estrutura abrangente e definitiva para a compreensão do mundo natural e da história humana.

Em meu ensaio anterior, argumentei que as visões de mundo fornecem estruturas narrativas ou histórias que nos permitem responder às grandes questões

¹⁷ Para uma importante coleção de ensaios sobre este tópico geral, veja Jeffrey e Evans (2007).



da vida e, assim, nos orientam para o projeto de ser-no-mundo. Argumentei que histórias não bíblicas ocuparam um lugar de destaque no imaginário social moderno.¹⁸ Agora, quero sugerir que a estratégia mais importante para acadêmicos cristãos é fazer do evangelho — a história do que o Pai está realizando no Filho, por meio do Espírito, para renovar as criaturas e toda a criação — a “história controladora” para o nosso pensamento sobre a realidade.¹⁹ O evangelho de Jesus Cristo deve ser a pedra de toque definitiva para todos os nossos pensamentos a respeito de toda a realidade criada (ser), juntamente com nossos julgamentos sobre sua verdade, bondade e beleza (os transcendentais).²⁰

Uma rápida ressalva se impõe: reconhecer a Bíblia como nossa narrativa controladora não significa que ela deva funcionar de maneira opressiva ou coercitiva. Não queremos sacrificar nem oprimir o intelecto. Enquanto os estudiosos medievais se contentavam em chamar a teologia de “rainha das ciências”, seus equivalentes modernos há muito tempo declararam que a teologia é uma rainha sem roupas.²¹ Invocar a autoridade suprema da Bíblia (*sola Scriptura*), portanto, não é desculpa para que os teólogos assumam o manto de rainha e dominem as outras disciplinas acadêmicas, ou para que os estudiosos bíblicos digam aos seus colegas das ciências o que podem ou não dizer em suas próprias áreas. Isso seria anti-intelectual. Em vez disso, a melhor parte da sabedoria é lembrar que fomos feitos de forma admirável e maravilhosa: biólogos moleculares podem precisar ser lembrados de que o genoma não é toda a história humana, mas teólogos precisam ouvir o que os biólogos moleculares têm a dizer sobre o DNA.²² Precisamos de muitas disciplinas acadêmicas para compreender plenamente a história do que significa ser humano, e a teologia

¹⁸ Sobre o papel de histórias nas visões de mundo, veja as obras citadas em meu artigo “Being Biblical in a Pluralistic Age” (2019a) e “Ser bíblico em uma época pluralista” (2025).

¹⁹ Cf. Nicholas Wolterstorff sobre “crenças de controle”: “Meu argumento no que se segue é que as crenças religiosas do estudioso cristão devem funcionar como crenças *de controle* [ou crenças *controladoras*] quando planejam e pesam teorias” (1984, p. 70, tradução nossa).

²⁰ Muitas universidades medievais adotaram a estrutura ontológica de Aristóteles, segundo a qual verdade, bondade e beleza são propriedades do “ser”. A verdade corresponde à epistemologia, a bondade à moralidade e a beleza à estética. Sobre os transcendentais, veja Alice M. Ramos (2012) e Scott MacDonald (1991). O que falta na universidade pluralista moderna é uma metafísica acordada, isto é, uma explicação consensual de como é a realidade. Na medida em que o materialismo naturalista pretende ocupar o trono da metafísica, ele normalmente elimina questões de bondade e beleza. O presente ensaio explora o que pode significar atribuir uma função metafísica ao evangelho.

²¹ Tomás de Aquino não usa explicitamente a expressão “rainha das ciências”, mas apresenta a teologia como uma ciência, e uma ciência “mais nobre” do que as demais, de modo que as “outras ciências são chamadas de servas desta” (*Summa Theologiae*, Pt. 1, Q. 1 art. 5, tradução nossa. Disponível em: <https://www.newadvent.org/summa/1001.htm#article5>. Acesso em: 10 ago. 2025).

²² Um importante contador de histórias genômicas é Denis Alexander (2017).



as ignora por sua conta e risco. O reducionismo ainda é estúpido, mesmo quando está do lado dos anjos.²³ Não é, então, que estudiosos bíblicos e teólogos podem ditar os detalhes de outros domínios do conhecimento; é, antes, que a Bíblia e a teologia falam de um domínio que está além dos limites da ciência: o domínio da Palavra de Deus (cf. Webster, 2012, p. 3-31). Os apóstolos que escreveram o Novo Testamento sabiam algo que os acadêmicos seculares não sabem e não podem saber somente pela razão, a saber, o que mantém unidas as várias partes do currículo e o próprio universo.²⁴ Os apóstolos proclamam o mistério de Cristo, por meio de quem todas as coisas vieram à existência e em quem todas as coisas subsistem (Cl 1:16-17). A teologia é menos a rainha das ciências do que (para continuar a metáfora do xadrez) um bispo que se move lateralmente pelas fileiras, fazendo conexões interdisciplinares. A tarefa da teologia em um ambiente universitário, tão urgente quanto desafiadora, é “afirmar que Jesus Cristo é Senhor e propor essa afirmação como determinante para o empreendimento acadêmico cristão” (Harink, 1999, p. 391, tradução nossa).

A economia triúna da luz: o fundamento, a gramática e o objetivo de uma visão de mundo cristã

Os cristãos acreditam que existe uma unidade de sabedoria – um fundamento para o *uni* da universidade – que sustenta a pluralidade disciplinar que vemos na academia. São Boaventura inicia seu tratado do século 13, *Sobre a Redução das Artes à Teologia*, citando Tiago 1:17: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm lá do alto, descendo do Pai das luzes.” Para Boaventura, há uma fonte de luz, mas muitas luzes. Por exemplo, ele distingue a luz da percepção sensorial da luz do conhecimento filosófico, um produto não dos sentidos, mas da razão (Bonaventure, 1996, p. 41). O intelecto é o dom extraordinário de Deus às criaturas. A Escritura é uma luz superior porque revela as verdades que transcendem a razão e são necessárias para a salvação. No entanto, todas as formas de conhecimento humano, em última análise,

²³ Por reducionismo, entendo a tendência de explicar fenômenos de nível superior (por exemplo, consciência, amor) em termos científicos de nível inferior (por exemplo, física, química). Veja também Arthur Peacocke (1993, p. 39-43).

²⁴ Pascal é um bom exemplo de filósofo que reconhece a existência de razões que a razão desconhece: “O coração tem razões que a razão desconhece” (*Pensées*, nº 277, tradução nossa. Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/pascal/pensees.all.html>. Acesso em: 10 ago. 2025). Veja também Thomas V. Morris (1992).



servem a um propósito abrangente: conduzir-nos de volta a Deus. Observação: a *redução* no título de Boaventura não significa o que hoje chamamos de reducionismo. A palavra, derivada do latim *re + ducere*, significa literalmente “conduzir de volta”. A luz da razão ou da inteligência vem de Deus e conduz de volta a Deus — ou deveria.

A tarefa especial da teologia é falar de Deus e de todas as coisas em relação a Ele. No entanto, a teologia foi em grande parte exilada das universidades ocidentais, substituída pelos estudos religiosos e, mesmo nos bolsões onde permanece, não desfruta mais de status real:

O rebaixamento da teologia ao status de disciplina única — insegura — ao lado de (e cada vez mais assediada por) outras inibe a teologia de fornecer uma explicação abrangente da natureza e dos fins da atividade intelectual *em sua totalidade* e, portanto, dos estudos humanos (Webster, 2012, p. 171-172).

John Henry Newman antecipou as consequências desse rebaixamento já em 1852, quando publicou sua obra clássica *The Idea of a University* [A Ideia de uma Universidade]. O papel da teologia na universidade, acreditava Newman, era garantir a unidade e a coerência da universidade sem permitir que qualquer disciplina acadêmica absolutizasse falsamente seu domínio ou abordagem da realidade, como se a física fosse mais verdadeira do que a psicologia (Newman, 1982).

Voltando a Tiago 1:17: Deus é luz, e vemos todas as coisas em relação à luz de Deus. Mas como? A seguir, quero falar, como teólogo sistemático, sobre o que chamo de a *economia da luz*, ou seja, a maneira como o Deus triúno compartilha com as criaturas temporais Seu conhecimento e sabedoria eternos.²⁵ Enquanto a “redução” de Boaventura diz respeito a seguir a luz que vemos na universidade de volta à sua fonte última em Deus, a economia da luz traça a maneira como o Pai da luz comunica Sua luz por meio da obra de Seu Filho e de Seu Espírito, permitindo-nos assim compartilhar “da herança dos santos na luz” (Cl 1:12). Ao explicar a economia da luz, creio que teremos uma melhor compreensão do fundamento, da gramática e do objetivo do que significa ser bíblico em uma academia pluralista.

Deus é um, Aquele que criou todas as coisas (o Fundamento)

²⁵ Abordo isso com mais detalhes em Vanhoozer e Treier, *Theology and the Mirror of Scripture: A Mere Evangelical Account* (2015, p. 85-90).



O Deus único é constituído por três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito, cuja vida é comunicação perfeita (isto é, “tornar comum”) e comunhão. Assim como os primeiros cristãos em Jerusalém, os três “estavam juntos e tinham tudo em comum” (At 2:44), mesmo antes da criação.

Embora o Deus triúno desfrute eternamente da luz, da vida e do amor perfeitos que Ele é em Si mesmo, Ele decidiu comunicar essa bondade ao que não é Deus, a saber, o universo criado.²⁶ A criação não é autoiniciável, autossustentável ou autoexplicativa, mas totalmente dependente da vontade de Deus. É porque o universo é contingente, uma criação livre que poderia não ter sido e ter sido diferente, que agora temos que discernir sua ordem através do estudo cuidadoso de sua particularidade (cf. Torrance, 1981; 2002).

Ser bíblico importa, não apenas porque é a história controladora que sustenta a cosmovisão cristã, mas também porque, sem a Bíblia, nada saberíamos sobre o plano de salvação de Deus. O Deus triúno Se fez conhecido pelo que disse e fez, e a própria Bíblia faz parte da ação comunicativa de Deus. A narrativa bíblica é, em última análise, uma história de “missões” — a história do Pai “enviando” o Filho e o Espírito para realizar Seu plano de salvação. Precisamos entender a história da Bíblia para conhecer o Deus triúno, a nós mesmos e o significado da história.²⁷ Os Pais da Igreja expressaram uma profunda compreensão do Deus da Bíblia com a fórmula *opera trinitatis ad extra indivisa sunt* (“as obras exteriores da Trindade são indivisíveis”). Isso significa que tudo o que Deus faz é obra de todas as três pessoas divinas. Por que existe algo em vez de nada? Porque Deus, o Pai, criou todas as coisas em e por meio do Filho no Espírito. Por que existem boas notícias em vez de nenhuma notícia (silêncio)? Porque Deus, o Pai, reconciliou o mundo consigo mesmo em Cristo por meio da cruz. Herman Bavinck extrai a implicação para uma cosmovisão cristã: “A mente cristã permanece insatisfeita até que toda a existência seja remetida ao

²⁶ É importante distinguir a vida interior e eterna de Deus (a Trindade “imanente”) das obras e da missão de Deus no mundo exterior a Si mesmo (a Trindade “econômica”). Há apenas um Deus triúno, é claro, mas podemos dizer que a Trindade econômica “comunica” a Trindade imanente. Veja mais em meu livro *Remythologizing Theology: Divine Action, Passion, and Authorship*, cap. 5, “Deus em três pessoas: aquele que ilumina e vive no amor” (2010, tradução nossa). Veja também Fred Sanders, *The Triune God*, cap. 3, “Communicative Missions” (2016).

²⁷ Como a Bíblia relata uma história unificada dos atos comunicativos do Deus triúno na história, é melhor pensar na história como um drama: uma história encenada; uma história encarnada (cf. Bartholomew; Goheen, 2014).



Deus triúno, e até que a confissão da Trindade de Deus funcione no centro do nosso pensamento e da nossa vida” (Bavinck, 2004, v. 2, p. 330, tradução nossa).

Se Bavinck estiver certo, segue-se que *a própria mente cristã* deve se referir ao Deus triúno. Em outras palavras, precisamos de uma teologia da inteligência humana. Precisamos compreender a mente humana como criada, caída e regenerada, e precisamos fazê-lo em uma estrutura trinitária — no que estou chamando aqui de economia da luz. Como em todas as obras trinitárias, o Pai inicia, o Filho ordena e o Espírito realiza o ato de iluminar.²⁸ O Espírito Santo é o autor primário da inteligência restaurada. É somente graças ao Espírito, que faz brilhar a luz da Palavra em nossa mente (isto é, iluminação), que nosso intelecto cristão é despertado de seu sono não dogmático para a realidade brilhante do *que está* em Jesus Cristo.²⁹

Deus é luz, o resplendor da razão e da verdade e, portanto, Aquele que permite que todas as coisas sejam conhecidas (a Gramática)

O Deus triúno é tanto o fundamento do universo quanto a gramática da universidade — a fonte das regras básicas para falar verdadeiramente sobre o universo, incluindo nós mesmos e, por derivação, Deus, o Criador. Em particular, Deus, o Filho, o *Logos* eterno, é o princípio da inteligibilidade de todas as coisas, pois todas as coisas subsistem em Cristo (Cl 1:17). Além disso, o Filho, que é a luz do mundo (Jo 8:12; 9:5), “ilumina toda a humanidade” (Jo 1:9), graciosamente permitindo que homens e mulheres participem de Sua inteligência. Isso também é uma comunicação de luz. Se quisermos recuperar a primazia da história que as Escrituras contam, devemos incluir a mente humana como parte dela. A criação por meio de Cristo, o afastamento de Cristo e a redenção em Cristo, que é a luz, são uma maneira de contar a história bíblica da inteligência criada. Nas palavras do falecido teólogo inglês John Webster: “Teologia e universidades são elementos na história inacabada da redenção da inteligência humana” (Webster, 2016, v. 2, p. 157, tradução nossa). Revelação é o termo técnico para o Deus triúno compartilhando ou tornando comum Seu autoconhecimento (luz) com as criaturas humanas. Se

²⁸ Cf. João Calvino: Ao Pai é atribuído o início da ação, a fonte e a origem de todas as coisas; ao Filho, a sabedoria, o conselho e o arranjo em ação, enquanto a energia e a eficácia da ação são atribuídas ao Espírito (Institutas, v. 1, cap. 13, n. 18).

²⁹ Em filosofia, a metafísica é o estudo da realidade última, *o que é*. Da mesma forma, a teologia, argumento eu, é o estudo da realidade última ou escatológica, *o que é* (e está vindo a ser) *em Cristo*.



compreendemos algo plenamente apenas quando podemos relacioná-lo a Deus — o fundamento e a gramática da inteligibilidade da criação —, então podemos dizer que, em um sentido importante, a revelação é necessária para o verdadeiro conhecimento. Ela também é necessária para a redenção. Pois a luz é a “luz da vida” (Jo 8:12), e em Cristo estava “a vida” e “a vida era a luz dos homens” (Jo 1:4).

Deus é luz (1Jo 1:5), e a ordem criada reflete um pouco da Sua luz (Rm 1:19-20), mas corações e mentes pecaminosos estão perdidos nas trevas (Rm 1:21). Oseias 4:1 diz: “Não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus na terra.” Quanto conhecimento de outras coisas podemos ter se fecharmos os olhos e as mentes para o fundamento e a gramática do universo? (cf. Hay, 2017).

Graças a Deus, que em Sua misericórdia comunica Sua luz a um mundo em trevas: “Na Tua luz, vemos a luz” (Sl 36:9). Aqui, também, todas as três pessoas da Trindade estão envolvidas na iluminação. O Pai “habita na luz inacessível” (1Tm 6:16), mas enviou a “verdadeira luz” ao mundo (Jo 1:9). Jesus Cristo é, nas palavras do Credo Niceno, “Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”. Ele, o *Logos*, é “a luz do mundo” (Jo 8:12; 9:5). Segundo Tomás de Aquino, “A iluminação de nossas mentes é, primariamente, a missão do Filho” (Whidden III, 2015, p. 8, tradução nossa).

Aqueles que conhecem Jesus são transferidos para o Seu reino de luz (Cl 1:13). O papel do Espírito Santo também é fundamental; é Ele quem brilha em nossos corações “para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo” (2Co 4:6). O Pai é a fonte da luz, o Filho é o resplendor dessa luz e o Espírito é a perfeição da luz, Aquele que a torna visível. A iluminação é, portanto, a perfeição da revelação e o produto da economia da luz, “a obra pela qual Deus, o Espírito, vivifica a inteligência da criatura e a torna capaz de receber e apropriar-se da instrução divina” (Webster, 2016 p. 160, tradução nossa).

Sem a iluminação do Espírito, seres humanos ainda estariam na escuridão, tanto no que diz respeito ao tema das Escrituras quanto ao significado da vida. Os secularistas modernos sustentam que a razão humana fornece sua própria luz, mas os cristãos discordam, sabendo que os pecadores suprimem a verdade pela injustiça (Rm 1:18). A boa notícia é que o Espírito renova a mente e restaura nosso funcionamento cognitivo (Rm 12:2). Deus projetou a mente humana para funcionar



melhor quando confia na Palavra de Deus, a única que a orienta corretamente para a realidade (Webster, 2016 p. 160).

Deus quer que as pessoas do seu povo sejam pequenas luzes, pessoas que participam da economia da luz como testemunhas sábias da luz (o Objetivo)

Francis Bacon foi um profeta da modernidade quando declarou que “o próprio conhecimento é poder” (em latim, *ipsa scientia potestas est*).³⁰ A tragédia de Fausto, de Goethe, retrata bem o preço que se paga por cobiçar o conhecimento (cf. Goethe, 2008). É altamente discutível se a mera acumulação de conhecimento é um bem intrínseco. O século 20 nos mostrou quão verdadeiro isso é (pense nas armas atômicas) e como o conhecimento pode ser usado para o bem ou para o mal. A universidade cristã existe não apenas para reunir e distribuir conhecimento (*scientia*), mas para cultivar a sabedoria (*sapientia*), o uso correto do conhecimento.³¹ Os acadêmicos cristãos, em particular, devem, portanto, fazer mais do que informar os alunos; devem transformá-los em pessoas que saibam o que fazer com o conhecimento a fim de cuidar da criação, edificar os outros e glorificar a Deus – e que estejam dispostas a fazê-lo.

Erasmus compreendeu a centralidade das humanidades na educação: Qual é a coisa mais perniciosa para o ser humano? A ignorância. As pessoas não nascem, mas são formadas.³² Ele acreditava que a educação era a chave para a renovação da sociedade. Preocupava-se com a corrupção em sua sociedade cristã do século 16 e exortava papas, príncipes e pregadores a empregar o que ele chamava de a “filosofia de Cristo”, que era, em grande parte, uma questão de interpretar a Bíblia de uma forma que formasse uma vida centrada em Cristo (cf. Jardine, 1997). Não deveria ser esse o objetivo das universidades cristãs em todos os tempos e lugares? Os estudantes universitários do século 21 estão inundados de informações e conhecimento especializado. Nas palavras memoráveis de T. S. Eliot: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação?” (Eliot, 1991, p. 147, tradução nossa). O objetivo de uma educação universitária cristã deve ser ajudar homens e mulheres a se tornarem sábios em

³⁰ *Meditationes Sacrae*, de Francis Bacon (1597, tradução nossa), disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/Meditationes_sacrae. Acesso em: 26 ago. 2025.

³¹ Sobre a diferença entre conhecimento e sabedoria, e a necessidade desta última, veja Mary Midgley (1989).

³² Desiderius Erasmus, *De pueris instituendis* (1529).



Cristo. Isso requer não apenas estudar a Bíblia, mas também habitar em seu imaginário canônico, social e cósmico (cf. Vanhoozer, 2017, p. 233-256).

A sabedoria é prima em primeiro grau do entendimento. Obtemos entendimento quando somos capazes de ver como as coisas se encaixam em conjuntos maiores. Aprender é a capacidade de encaixar cada vez mais coisas em um quadro do todo, ou seja, a história da criação, queda, redenção e consumação contada na Bíblia. Somente a Escritura (*sola Scriptura*) nos dá acesso autoritativo ao significado da vida, a toda a história, a Deus e a nós mesmos. Longe de ser inimiga da razão ou de uma educação universitária, a fé cristã na Palavra de Deus auxilia, instiga e possibilita o aprendizado, apontando-nos para o todo, sem o qual só pode haver informação. Lembre-se da *redução* de Boaventura: todas as formas de conhecimento humano servem para nos guiar em nossa jornada de volta a Deus. Esta, então, é a gramática trinitária da luz: o Pai, que é luz, envia Cristo, que é a luz do mundo, que, por sua vez, envia o Espírito para fazer essa luz brilhar em nossos corações e mentes (2Co 4:6).

Escritura na economia da luz

A Bíblia é um exemplo graciosamente concedido de revelação especial e um ingrediente na economia triúna da luz divina, “uma luz para o nosso caminho [acadêmico]” (Sl 119:105). Somente a Escritura (*sola Scriptura*) é a transcrição divinamente autorizada do drama da redenção, a chave para a compreensão da história de Jesus Cristo e, portanto, para tudo o que acontece no Grande Teatro do Mundo.

O princípio *sola Scriptura* recebe muita crítica negativa, mas, se bem compreendido, desempenha um papel vital no currículo universitário cristão.³³ Uma imagem distorcida de *sola Scriptura* — de um indivíduo interpretando a Bíblia sozinho, sem consultar nenhuma outra fonte — dá má reputação à autoridade bíblica, pois parece marginalizar a ciência. No entanto, os reformadores protestantes nunca pretenderam sugerir que a Escritura deveria ser a única coisa que as pessoas estudam na academia. Não se deve confundir *sola* com “solo” *Scriptura*.³⁴ Por meio do

³³ Para uma análise crítica recente do princípio *sola Scriptura*, veja Hans Burger, Arnold Huijgen, Eric Peels (2018). Para uma defesa da visão tradicional, veja D. A. Carson (2016); Matthew Barrett (2016); e John C. Peckham (2016).

³⁴ Um conceito bem argumentado por Keith A. Mathison (2001).



princípio *sola Scriptura* os reformadores afirmaram a Bíblia como a autoridade suprema e final para a fé e o pensamento cristão, mas não a única autoridade. A Escritura é a suprema corte, mas há cortes inferiores que também têm um papel a desempenhar, incluindo as várias disciplinas acadêmicas que fazem parte da economia da luz comum (ou seja, a revelação geral).

Lembre-se de que, para N. T. Wright, o conhecimento ocorre “quando as pessoas *encontram coisas que se encaixam* na história específica” que expressa sua visão de mundo (Wright, 1993, p. 37). Tenho argumentado que, em uma universidade cristã, a Bíblia deve funcionar como a história controladora na qual outros conhecimentos se encaixam. Isso sugere um sentido totalmente diferente da Bíblia como “um documento da universidade”. Em vez de olhar *para* a Bíblia como os críticos examinam todos os outros livros, deveríamos olhar *por meio* da Bíblia em nossas respectivas disciplinas acadêmicas: à luz da Bíblia, vemos mais luz.³⁵ Somente as Escrituras oferecem a possibilidade de uma visão unificadora para a universidade. Duas advertências são necessárias neste ponto.

Em primeiro lugar, o princípio *sola Scriptura*, corretamente entendido, não tenta usar a Bíblia como um livro-texto científico. Essa é a tentação de um biblicismo ingênuo que força o texto a abordar questões ou responder a perguntas que o texto não aborda.³⁶ Ao mesmo tempo, *sola Scriptura*, corretamente entendido, também não restringe o escopo das Escrituras a questões de fé pessoal. Essa é a tentação de um dualismo que segrega o sagrado e o secular. Abraham Kuyper refutou esse dualismo quando afirmou, em seu famoso discurso dedicatório na fundação da Universidade Livre de Amsterdã, que “não há um centímetro quadrado em todo o domínio de nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é Soberano sobre tudo, não clame: ‘Meu!’” (Bratt, 1998, p. 488, tradução nossa). A Bíblia fala com autoridade sobre “cada centímetro quadrado” da realidade, mas o faz de uma maneira particular e em um nível particular. E isso me leva ao meu segundo ponto.

As Escrituras são autoritativas na universidade, sim, mas não como uma fonte privilegiada que supera ou substitui dados científicos. Os detalhes práticos do trabalho acadêmico em cada domínio disciplinar — estudo, indução, análise etc. —

³⁵ Tomo essa distinção do ensaio de C. S. Lewis, “Meditation in a Toolshed”, no qual ele compara olhar para um feixe de luz e olhar ao longo dele (Lewis, 1970, p. 212-215). A Escritura, sugiro, é esse feixe de luz.

³⁶ Para uma crítica desse biblicismo ingênuo, veja Christian Smith (2012).



continuam necessários.³⁷ O papel singular das Escrituras é servir como a história abrangente ou metanarrativa que informa e transforma o imaginário social (e acadêmico), nossa noção da origem, ordem e propósito das coisas, e como elas se encaixam. A Bíblia fornece um testemunho precioso sobre de onde viemos e para onde, em Cristo, estamos indo. A história unificada de Adão, Israel e Jesus Cristo responde às grandes questões que nenhum departamento acadêmico pode responder sozinho. É essa história, subscrita pelo Deus triúno, que revela Deus e Sua relação com o universo e, em última análise, fornece coerência à universidade. A Bíblia torna conhecido o fundamento, a gramática e o objetivo da universidade, revelando que todas as coisas, em última análise, conduzem de volta ao Deus triúno, seu princípio e fim.

AS DISCIPLINAS ACADÊMICAS EM PERSPECTIVA BÍBLICA: AS CIÊNCIAS NATURAIS E AS HUMANAS

O Artigo 2 da Confissão Belga (1561) trata de “Os meios pelos quais conhecemos a Deus”, declarando que conhecemos a Deus por Seus “dois livros”. O primeiro, a natureza, é “um belo livro, no qual todas as criaturas, grandes e pequenas, são como letras para nos fazer ponderar as coisas invisíveis de Deus”. O segundo dos dois livros de Deus é, obviamente, a Bíblia. Bavinck extrai uma implicação importante: “Nunca se deve esquecer que, mesmo considerando que a Bíblia e a natureza, visto que provêm do mesmo Deus, não podem estar em conflito, ainda é bem possível que a exegese das duas entre em conflito uma com a outra” (Bavinck *apud* Wolters, 1996, p. 49-50, tradução nossa). Este é um ponto importantíssimo e que vale a pena explorar mais a fundo, pois simplesmente não é verdade que teologia e ciência estejam em combate mortal. O verdadeiro conflito não reside entre a teologia e as ciências, mas entre metafísicas rivais que distorcem a interpretação de ambos os livros de Deus (cf. Plantinga, 2011).

Ciências naturais

Recapitulando: Deus é o autor de dois livros, um estudado pela ciência e o outro pela teologia. Por que, então, a teologia e a ciência parecem discordar com tanta frequência? Bavinck está certo ao afirmar que o problema não está nos textos

³⁷ Um recurso ainda valioso para modelar uma abordagem equilibrada é a de Bernard Ramm (1954).



de autoria divina, mas em suas interpretações formuladas humanamente: “O conflito surge apenas porque tanto o texto do livro das Escrituras quanto o texto do livro da natureza são frequentemente mal lidos e mal compreendidos” (Bavinck, 2004, v. 2, p. 496, tradução nossa).

Ler corretamente os dois livros de Deus é a principal tarefa da universidade cristã. No entanto, a leitura correta não é simplesmente uma questão de seguir métodos e procedimentos, mas também de se tornar o tipo certo de pessoa — uma pessoa com virtude intelectual.³⁸ Ser honesto, cuidadoso e humilde é tão importante nas ciências naturais quanto em qualquer outro lugar da universidade, incluindo a interpretação bíblica. A sabedoria é a principal virtude intelectual e tem a ver com a disposição de relacionar campos do conhecimento ao panorama geral do significado da vida. Parafraseando o que lemos no livro de Provérbios: “O orgulho precede o reducionismo” (cf. Pv 16:18). Bem, isso não está totalmente certo. No entanto, o reducionismo é uma espécie de queda: uma perda do conhecimento orgânico e abrangente do universo — o conhecimento de como as partes se encaixam no todo — que uma *universidade* deveria buscar. A miopia disciplinar, em última análise, resulta em uma distorção da realidade. A *redução* de Boaventura — que remonta todas as coisas à sua origem em Deus — é completamente diferente de um *reducionismo* que explica fenômenos complexos em termos de uma única disciplina acadêmica ou teoria, uma simplificação maciça que impede os cientistas de verem a floresta por detrás das árvores (cf. Lennox, 2019).

O reducionismo não respeita disciplinas. Não é legítimo para um físico dizer que não existe alma, ou Deus, com base no fato de que a realidade nada mais é do que matéria em movimento. Isso seria confundir uma afirmação sobre a matéria em movimento (física) com a natureza da realidade (metafísica), e pensar que esta última se funde com a primeira.³⁹ No entanto, um teólogo estaria igualmente errado se não prestasse atenção ao que a ciência nos diz sobre a matéria, pois negar nossa realidade material é cair na armadilha de uma das mais antigas heresias da história, o gnosticismo, e sua noção equivocada de que a realidade material é a fonte de todo o mal. A verdade, claro, é que Deus criou a realidade material e “viu que era boa” (cf. Gn 1:10, 12, 18, 21, 25).

³⁸ Abordarei a virtude intelectual mais adiante.

³⁹ Para uma crítica do naturalismo metafísico e metodológico por trás de muito cientificismo, veja J. P. Moreland (2018).



Uma causa do aparente conflito entre a narrativa bíblica e as ciências naturais é a persistente falha em distinguir ciência de cientificismo, física de metafísica.⁴⁰ Muitas pessoas acreditam que, só porque a ciência se provou tão instrumentalmente bem-sucedida, ela deve ter acesso privilegiado à natureza da realidade. Esta é uma inferência falsa. Nenhuma quantidade de física pode estabelecer uma proposição metafísica, pois elas pertencem a diferentes ordens de discurso e diferentes aspectos da realidade. Pensar que a física pode estabelecer conclusões metafísicas é cometer o erro mais flagrante de todos: um erro de categoria.⁴¹

A ciência não provou e não pode provar afirmações metafísicas como “toda a realidade é material”. O naturalismo materialista é um tipo de fé, um mito habilmente elaborado – e que contradiz a história bíblica. O cientificismo – a crença na onicompetência das ciências naturais – não é teoria científica, mas uma forma de reducionismo.⁴² Uma das tentações mais comuns para os acadêmicos é o desejo de reduzir a realidade em exame ao que sua própria disciplina ou teoria pode explicar ou dominar. A ciência em si não é o problema; o problema são os cientistas que se excedem. É tentador brincar de deus por alguns centímetros quadrados do universo. Parafraseando o apóstolo: “Filhinhos, guardem-se de reducionismos” (cf. 1Jo 5:21).

Ciências humanas

As ciências humanas e sociais apresentam seus próprios desafios peculiares. Embora o autoconhecimento seja desejável, questiona-se se os seres humanos são mais bem compreendidos por meio de métodos científicos rigorosos ou se os modos de investigação histórica, sociológica, econômica e psicológica compartilham compromissos metodológicos semelhantes.⁴³ Aqui, também, há a tentação de ultrapassar os limites disciplinares, à medida que os acadêmicos se esforçam para explicar os mecanismos, as motivações e a moral dos seres humanos. Alguns pensam

⁴⁰ A metafísica é uma teoria filosófica sobre a natureza da realidade última. A metafísica materialista pode se sobrepor à física de uma maneira que a metafísica platônica, onde o espacial e o temporal são considerados menos reais do que o espiritual e o eterno, não consegue. Sobre metafísica, veja John W. Carroll (2010).

⁴¹ Um erro de categoria confunde um tipo de coisa com outro. O filósofo Gilbert Ryle cunhou o termo para descrever o que ele considerava ser o erro de descrever a mente como uma “substância imaterial”. Veja seu livro *The Concept of Mind* (1949).

⁴² Para uma análise interdisciplinar do cientificismo e dos limites da ciência, veja Maarten Bourdry e Massimo Pigliucci (2017).

⁴³ O clássico tratado de Wilhelm Dilthey de 1883, “Introduction to the Human Sciences”, ainda é valioso (Makkreel; Rodi, 1991).



que a genética molecular contém a resposta para o enigma da existência humana; outros recorrem à psicologia, à sociologia, à economia e assim por diante.⁴⁴ No entanto, nenhum departamento em universidades seculares está abordando com sucesso grandes questões como: “Quem está realmente vivendo uma vida boa?” ou “Como alguém se torna uma pessoa genuinamente boa?” Assim como precisamos ler o livro da natureza em conjunto com o livro das Escrituras, também precisamos da sabedoria bíblica para compreender a criatura humana e a forma do florescimento humano.

Os seres humanos estão no mundo condenados, por assim dizer, a agir: “O problema humano é *encontrar no conhecimento uma base sólida para a ação*” (Willard, 2007, p. 17, tradução nossa). Este é o drama da existência humana: temos que escolher como viver, ou então simplesmente caímos em rotinas sociais desgastadas, e nesse caso deixamos as massas determinarem como vivemos. Uma educação em “artes liberais”⁴⁵ deveria originalmente ser uma educação sobre como usar a liberdade (cf. Roh, 2014; Nussbaum, 2010). As ciências naturais exploram a causalidade física; as ciências humanas exploram o uso da liberdade. Pode a universidade nos dizer como vivermos para que floresçamos, como indivíduos e comunidades? Esta é uma questão perene e extremamente importante, mas a universidade do século 21 parece tão longe de respondê-la quanto nunca.⁴⁶

A Bíblia, nosso “roteiro sagrado”, fornece orientação para ações significativas: orientação sobre o porquê de nós, a igreja, estarmos aqui e direcionamento sobre o que devemos fazer como nação santa.⁴⁷ E, no entanto, as artes, as humanidades e as ciências sociais também têm um papel vital a desempenhar na orientação dos alunos para a realidade como ela é e está sendo renovada em Cristo. Lembra-se do

⁴⁴ O caso de Edward O. Wilson é particularmente instrutivo. Formado em entomologia, ele acabou aplicando o que aprendeu sobre colônias de abelhas às sociedades humanas. O resultado: uma explicação evolucionista que fundamenta o comportamento do grupo humano (sociologia) na evolução (biologia) – e em um novo campo, a sociobiologia. A questão crucial é se é possível, ou necessário, reduzir a sociologia à biologia, como faz Wilson. Veja seus livros *Sociobiology: The Abridged Edition* (1980) e *The Meaning of Human Existence* (2014).

⁴⁵ Nota do tradutor: Nos cursos superiores ocidentais, especialmente de língua inglesa, uma educação em “artes liberais” enfatiza uma abordagem ampla e abrangente ao aprendizado, com foco no desenvolvimento de pensamento crítico, comunicação e habilidades de resolução de problemas em diversas disciplinas.

⁴⁶ Miroslav Volf e Matthew Croasman argumentam que a teologia é a disciplina mais bem posicionada na universidade para abordar questões relativas ao significado e às condições do florescimento humano em seu livro *For the Life of the World: Theology that Makes a Difference* (2019).

⁴⁷ Defino a doutrina cristã como “direção teatral para o discipulado” em meu livro *Hearers and Doers: A Pastor’s Guide for Making Disciples through Scripture and Doctrine* (2019b, p. 132-137).



imaginário social, o principal motor por trás da nossa era secular? O que veicula um imaginário social – poderíamos também chamá-lo de estrutura de plausibilidade – não são proposições explícitas, mas as imagens e histórias pelas quais um povo vive. Como o seu nome indica, assim o faz: a cultura cultiva. O que a cultura cultiva – o que ela faz crescer – é o imaginário social, a estrutura narrativa que gera as crenças e práticas que compõem uma cultura específica.⁴⁸

As artes também importam. Precisamos de poetas, músicos e artistas, pois essas disciplinas também, quando expressam uma visão de mundo cristã, são ministérios da realidade. As artes podem nos ajudar a compreender o significado do todo, o mistério da existência humana, algo que escapa às ciências exatas. É precisamente por essa razão que Eugene Peterson recomenda a poesia aos pastores: “O melhor aliado do teólogo é o artista. Devemos ver a imaginação como um aspecto do ministério.” Se Peterson pudesse criar seu próprio currículo para o seminário, dedicaria um ano inteiro a alguns poetas: “Eu insistiria que os alunos aprendessem a ler poesia, aprendessem como as palavras funcionam” (Peterson, 1997, p. 252, tradução nossa). Ler literatura imaginativa é, de fato, uma excelente maneira de compreender o significado do todo.⁴⁹

Em outro lugar, descrevi a imaginação como uma faculdade cognitiva que nos ajuda a perceber ou criar padrões significativos (Vanhoozer, 2016, p. 17-46). Enquanto a análise é a razão desmontando as coisas, a imaginação é a razão em seu melhor estilo sintético, juntando as coisas, fazendo associações criativas que possibilitam novas descobertas. A imaginação é o que nos permite formular hipóteses: “E se?” A Bíblia nos ajuda a imaginar não “e se”, mas “o que é”. A fé “no que é/está” em Cristo vem da audição de uma palavra que captura a imaginação e os desejos do nosso coração.

Em suma: o objetivo de uma universidade cristã deve ser ajudar os alunos a se tornarem instruídos biblicamente, a compreenderem a história da Bíblia e a imaginarem o mundo que as Escrituras imaginam. Ser bíblico em uma academia pluralista significa aprender a estudar o mundo natural e interpretar a experiência humana à luz do drama abrangente da criação, salvação e consumação.

⁴⁸ Para a relação entre formação cultural e espiritual, veja meu artigo “That’s the Spirit! Or, What Exactly Does Spiritual Formation?” (2019c, p. 51-69).

⁴⁹ É também uma forma de compreender pessoas que são bem diferentes de nós mesmos, e isso por si só justifica a leitura de ficção por pastores. Veja também Cornelius Plantinga Jr. (2013).



SER BÍBLICO: QUATRO IMPLICAÇÕES ACADÊMICAS

Acabamos de examinar duas maneiras diferentes de sermos bíblicos na academia pluralista. A primeira envolve estudar a Bíblia como um documento da universidade a partir de diversas perspectivas disciplinares. A segunda, especificamente cristã, envolve resgatar a Bíblia como a narrativa controladora sob a luz da qual as diversas disciplinas acadêmicas realizam suas respectivas tarefas. Pode ser útil extrair quatro outras implicações dessa segunda estratégia.

1. A história bíblica da autocomunicação do Deus triúno à criação deve ser o fundamento e a gramática do imaginário social que serve como estrutura unificadora da universidade cristã.

Somente a Escritura fornece o “pano de fundo profundo” que ajuda os acadêmicos a considerarem o fundamento, a gramática e o objetivo de suas respectivas disciplinas. Somente a Escritura é um guia confiável para as questões mais fundamentais sobre (a) a natureza da realidade (ontologia), (b) a natureza da pessoa humana (antropologia) e (c) como conhecemos o assunto para que possamos confiar nos resultados do processo de conhecimento (epistemologia). Nas palavras de John Webster: “Para o intelecto regenerado, não há estudos seculares, porque não há nada que não possa ser atribuído a Deus como seu princípio” (Webster, 2016, v. 2, p. 155, tradução nossa). Para o estudioso cristão, a fé em Cristo “reivindica de forma abrangente toda a realidade em um mundo pluralista” (Bartholomew, 2015, p. 466, tradução nossa).

Uma universidade confessional oferece um contexto singular para que acadêmicos pensem de forma cristã em todo o espectro do conhecimento, em cada ponto rastreando a inteligibilidade até Aquele por meio de quem e para quem todas as coisas foram feitas (este é o sentido de “redução” de Boaventura). No entanto, muitos acadêmicos cristãos recebem seus doutorados em instituições seculares onde podem ter aprendido inadvertidamente versões naturalizadas de suas disciplinas, então a curva de aprendizado pode ser íngreme.

2. Acadêmicos cristãos de todos os departamentos devem seguir o conselho de Plantinga aos filósofos cristãos de deixar que a fé, em vez de preocupações seculares, defina a agenda de sua disciplina ou dite seus métodos.

Alguns anos após proferir sua célebre palestra de 1984, “Conselhos para Filósofos Cristãos” (seu discurso inaugural ao se tornar professor de filosofia na



Universidade de Notre Dame), Alvin Plantinga acrescentou um “Prefácio” para pensadores cristãos de diferentes disciplinas.⁵⁰ Nele, acertadamente aponta que não é apenas na filosofia que os acadêmicos “são fortemente influenciados pelas práticas e procedimentos de nossos pares não cristãos”. Absorvemos as suposições predominantes sobre nossas disciplinas como o leite materno, mesmo quando essas suposições não condizem com nossas convicções cristãs. Isso se aplica até mesmo à erudição bíblica e à teologia em lugares onde a Bíblia é estudada “como qualquer outro livro” (cf. Plantinga, 2003b, p. 19-57). O resultado: quando acadêmicos formados em escolas seculares começam a lecionar em suas instituições cristãs, eles tentam “integrar” sua fé com seu aprendizado secular, o que frequentemente resulta em adicionar a cobertura cristã a um bolo assado no forno do naturalismo metodológico. O conselho de Plantinga: “Nessas áreas, então, como na filosofia, cabe aos cristãos que praticam a disciplina relevante desenvolver as alternativas cristãs corretas.”

C. Stephen Evans faz a mesma observação, mas com uma formulação diferente: “No grande torneio das narrativas, nós, estudiosos cristãos, não devemos perder a coragem” (Evans, 2007, p. 310, tradução nossa). Craig Bartholomew explica como isso pode se manifestar na prática: “A erudição cristã deve insistir em realizar seu trabalho ‘em Cristo’ e não deve cometer o erro de abrir mão dos fundamentos epistêmicos e, então, tentar chegar a conclusões cristãs a partir de pontos de partida alheios” (Bartholomew, 2015, p. 468, tradução nossa). Graças a Plantinga e outros que fundaram a *Society of Christian Philosophers* (Sociedade dos Filósofos Cristãos), a filosofia cristã agora tem uma posição firme na academia secular. Outras disciplinas, infelizmente, ainda não tiveram tanta sorte. Consequentemente, ainda há muito trabalho a ser feito.

3. A erudição radicalmente cristã requer pessoas cujas mentes e corações tenham sido reformados pela Palavra de Deus e renovados pelo Espírito de Deus, discípulos preparados para seguir a Cristo onde Ele os conduzir nas disciplinas.

A erudição cristã é radical, tanto porque atinge a “raiz” (em latim, *radix*) da realidade (o *Logos* por meio de quem e para quem todas as coisas foram feitas e em quem todas as coisas subsistem), quanto porque aqueles que habitam a história que

⁵⁰ A palestra original foi publicada em James F. Sennett, *The Analytic Theist: An Alvin Plantinga Reader* (1998, p. 296-315). O novo prefácio está disponível em: http://www.faithandphilosophy.com/article_advice.php. acessado em: 4 fev. 2019).



as Escrituras contam frequentemente irão contra a corrente do conhecimento recebido e da opinião predominante.

Ser um discípulo de Jesus Cristo em sua disciplina significa que precisamos nos tornar tanto estudiosos quanto santos, o tipo de pessoa que consegue seguir tanto as evidências aonde elas nos levam quanto o Senhor. Estudiosos cristãos precisam de uma imaginação bíblica robusta para fazer da Bíblia sua história controladora, e da disposição de arriscar suas reputações, se não suas vidas, aprofundando-se nela intelectualmente. Quando entram no que Karl Barth chamou de “o estranho mundo novo da Bíblia”, tornam-se testemunhas e participantes de um grande drama histórico, o drama da redenção em Cristo (Barth, 1978, p. 28-50). É como se o personagem principal do drama, que também é seu produtor e diretor, os estivesse chamando para o palco acadêmico e dizendo: “Este é o seu papel. Desempenhe-o para a glória de Deus.”

Ser um discípulo é ser um seguidor de palavras. O privilégio e a responsabilidade de lecionar em uma universidade cristã é descobrir como se manifesta o discipulado da palavra de Deus, das palavras de Jesus e de Jesus, o Verbo, em cada disciplina. “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9:37).

4. As universidades cristãs não devem simplesmente ensinar o conteúdo de uma disciplina, mas treinar os alunos para que deem testemunho verdadeiro dela.

As universidades cristãs devem formar os alunos para que deem testemunho verdadeiro de Deus e de todas as coisas relacionadas a Deus. Isso requer um mínimo de competência teológica: é preciso saber seguir a história da Bíblia para conhecer o Deus do evangelho e o evangelho de Deus. Também requer virtudes intelectuais. Uma virtude intelectual é um hábito mental que conduz à verdade (cf. Zagzebski, 1996; Roberts; Wood, 2007). Em contraste, um vício intelectual é um hábito mental que tem maior probabilidade de afastar alguém da verdade. Infelizmente, vícios intelectuais são bastante comuns na academia: desonestidade, teimosia, impaciência, descuido e, o mais devastador de todos, orgulho. Na academia pluralista, a forma do testemunho cristão importa, quase tanto quanto o conteúdo. Os estudiosos cristãos devem demonstrar clareza, caridade, honestidade, paciência e, acima de tudo, humildade. Afinal, foi isso que Paulo apresentou aos filipenses como “a mente de Cristo” (cf. Fp 2:5).



Os alunos precisam aprender tanto caráter quanto conteúdo. Dizer a verdade, nas Escrituras, não é simplesmente um procedimento impessoal, mas uma questão ética. Às vezes, nosso testemunho da verdade custará caro. De fato, podemos ter que carregar nossa cruz na academia e parecer tolos aos olhos daqueles que rejeitam a história bíblica. Devemos ter a coragem, não a complacência, de nossas convicções (cf. Vanhoozer, 2002, p. 337-373).

CONCLUSÃO: BUSCANDO SABEDORIA; APRENDENDO CRISTO; TORNANDO-SE REAL

Dallas Willard observa astutamente que não existe um “departamento da realidade” (Willard, 2007, p. 20, tradução nossa) na universidade. É claro que isso não impede que vários departamentos façam suposições sobre a realidade como um todo. O problema é que a maioria dos acadêmicos raramente apresenta uma justificativa para essas suposições metafísicas veladas. Isso não é surpresa, porque muitas vezes o que se passa por metafísica (uma teoria da realidade) não passa de um conjunto de “fábulas engenhosamente inventadas” (2Pe 1:16).

Como vimos, o reducionismo é o pecado capital da universidade. Reduccionismo é a noção de que apenas um nível de realidade é “realmente” real. Por exemplo, o naturalismo é a crença de que todas as coisas podem, em última análise, ser reduzidas à matéria em movimento, partículas físicas elementares. A teoria da sociobiologia de Edward Wilson é essencialmente a tentativa de explicar fenômenos sociológicos explicando-os em termos de categorias biológicas.⁵¹ Este é um exemplo clássico de orgulho disciplinar que considera a própria especialização e nível de realidade como aqueles que explicam todos os outros.

A realidade é mais complexa. Ou melhor, a *realidade* é mais complexa. O livro da natureza, como os textos em geral, é uma realidade multinível. Assim como os textos são compostos de letras, palavras e parágrafos que podem se combinar em realidades semânticas mais complexas, a realidade física pode ser estudada em vários níveis e nenhum nível é “mais real” do que outro.⁵² A realidade criada é composta de uma hierarquia de níveis: os níveis mais altos (ou seja, mais complexos) dependem dos níveis mais baixos (ou seja, menos complexos), mas não podem ser reduzidos a eles. Por exemplo, a biologia depende da física, mas não se pode

⁵¹ Veja a nota 44 acima.

⁵² Devo essa percepção crucial a obra *Theology for a Scientific Age*, cap. 12, de Peacocke (1993).



entender uma célula com as leis do movimento de Newton. Cada nível de realidade traz consigo uma nova complexidade e, portanto, a necessidade de novos conceitos, teorias e disciplinas acadêmicas.

O Livro da Natureza é unificado e legível. É a obra de um único Autor. E, no entanto, como textos escritos, podemos estudar diferentes aspectos ou níveis do Livro da Natureza. Algumas pessoas — chame-as de físicos — estão interessadas na fonética, por assim dizer; outras, como biólogos, estão interessadas em formas literárias mais amplas (ou seja, organismos). Em vez de ver a universidade como uma arena na qual as disciplinas competem por direitos de se gabar, ou uma competição onde apenas um departamento consegue explicar a realidade, considere uma analogia diferente. Assim como a igreja é “um corpo, porém muitos membros”, há uma universidade, mas muitos departamentos. Ser bíblico em uma academia pluralista significa ver cada membro (departamento acadêmico) como tendo seu próprio dom espiritual único (perspectiva do todo). Somente quando eles trabalham juntos podemos obter respostas intelectualmente satisfatórias e “densas” para as grandes questões, em vez da “fininha” oferecida por relatos reducionistas da realidade.

E isso me traz de volta ao lugar da teologia na universidade. Há uma pressão tremenda nas universidades ocidentais para que a teologia se torne estudos religiosos, isto é, para que admitam que não é o estudo de Deus, mas sim o estudo do comportamento religioso humano. Afinal, este é o pressuposto fundamental da academia secular, a saber, que a realidade é *deste mundo*. Por 200 anos, as universidades ocidentais foram, portanto, zonas livres de teologia. Mas o que é o secularismo senão a crença de que os únicos fatores explicativos reais são imanentes ao nexo causal espaço-temporal — em outras palavras, a crença de que a Terra é *plana*?⁵³

Teólogos cristãos nunca devem recuar quando a realidade é o tema. Uma das tarefas mais importantes da doutrina cristã é expor em discurso *o que está* “em Cristo”. O fato central do evangelho é que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo (2Co 5:19). E o que está em Cristo? A resposta curta é: “graça e verdade” (Jo 1:14). A resposta mais longa inclui a verdadeira divindade, a verdadeira

⁵³ O nome que Charles Taylor dá ao que chamo de “Terra plana” é “estrutura imanente”, uma maneira de descrever um modo de pensar que exclui qualquer referência ao transcendente ou sobrenatural. Veja seu livro *A Secular Age* (2007), cap. 15.



humanidade, a reconciliação e uma ordem criada renovada. O que está em Cristo, em uma palavra, é realidade escatológica: as primícias do novo céu e da nova Terra (cf. Vanhoozer, 2015, p. 129). Na medida em que a doutrina cristã contribui para a nossa compreensão da realidade ao dizer o que está “em Cristo”, ela pertence à universidade, como a disciplina que descreve a realidade em seus níveis mais elevados.

Todos os conceitos de realidade que não levam em conta a pessoa e a obra de Jesus Cristo serão, na melhor das hipóteses, abstrações. Pois o mundo não tem realidade nem inteligibilidade à parte de Jesus Cristo. Cristo é o fundamento, a gramática e o objetivo do universo: Aquele por quem todas as coisas foram feitas (Jo 1:3), em quem todas as coisas agora subsistem (Cl 1:17) e, por fim, serão convergidas (Ef 1:10).

Ser bíblico na academia é, em última análise, uma questão não apenas de apreender, mas de viver nosso conhecimento do real em Jesus Cristo. Conhecimento vivido é, naturalmente, sabedoria, e seu preço vai além de rubis — e mensalidades! Na minha sala de aula universitária ideal, os alunos aprenderiam não apenas teoria, nem apenas habilidades, mas bom senso: a capacidade de escolher o que é bom, verdadeiro e belo — o que melhor se encaixa na história do que Deus está fazendo em Jesus Cristo —, e isso requer não apenas conhecimento especializado, mas o grande panorama teodramático — e muita prática aprendendo a ler a Bíblia como uma história unificada.

A criação é o contexto para a sabedoria, Cristo o conteúdo para a sabedoria, e o cânon é o currículo para a sabedoria.⁵⁴ Tudo na Bíblia, não apenas o livro de Provérbios, faz parte da pedagogia divina que nos conduz mais profundamente ao mistério do que Deus está fazendo em Jesus Cristo por meio do Espírito.

Toda disciplina, independentemente do aspecto particular da realidade que estuda, precisa repensar sua base, gramática e objetivo em relação ao plano de Deus de criar, manter unidas e restaurar todas as coisas em Cristo. Devemos apresentar nossos corpos, incluindo nossos corpos de conhecimento, como uma oferta a Deus. É privilégio e responsabilidade dos acadêmicos cristãos participar da economia trinitária da luz, ser “pequenas luzes” por meio das quais a luz da verdade pode

⁵⁴ Utilizo a tríade “fundamento, gramática e objetivo” de forma semelhante em meu artigo “The Theology of Wisdom,” (2019d, p. 43-55).



brilhar sobre os outros. Este é o culto espiritual – ou verdadeiro e racional (λογικὴν) – do acadêmico (Rm 12:1). Que todos nós, independentemente de nossos lares disciplinares, aprendamos esta lição sobre como ser bíblico em uma academia pluralista: ver e dizer como todas as coisas no universo, e a universidade, encontram seu lugar em Cristo Jesus.

REFERÊNCIAS

ADAM, A. K. M. **What is postmodern biblical criticism?** Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 1995.

ADAM, A. K. M. (ed.). **Handbook of postmodern biblical interpretation.** Saint Louis: Chalice Press, 2000.

ALEXANDER, D. **Genes, determinism and God.** Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

BARNETT, R. **Thinking and rethinking the university: the selected works of Ronald Barnett.** New York: Routledge, 2015.

BARR, J. **The Bible in the modern world.** New York: Harper & Row, 1973.

BARR, J. **Holy Scripture: canon, authority, criticism.** Philadelphia: The Westminster, 1983.

BARRETT, M. **God's word alone: the authority of Scripture.** Grand Rapids: Zondervan, 2016.

BARTH, K. **The word of God and the word of man.** Gloucester, MA: Peter Smith, 1978.

BARTHOLOMEW, C. G.; GOHEEN, M. W. **The drama of Scripture: finding our place in the biblical story.** 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2014.

BARTHOLOMEW, C. G. **Introducing biblical hermeneutics: a comprehensive framework for hearing God in Scripture.** Grand Rapids: Baker Academic, 2015.

BAVINCK, H. **Reformed dogmatics: God and creation.** Grand Rapids: Baker Academic, 2004. v. 2.

BETZ, H. D. (ed.). **The Bible as a document of the university.** Chico, CA: Scholars Press, 1981. (Polebridge books; n. 3).

BIELO, J. S. **Anthropology of religion: The Basics.** New York: Routledge, 2015.

BOURDRY, M.; PIGLIUCCI, M. (ed.). **Science unlimited?: the challenges of scientism.** Chicago: University of Chicago Press, 2017.



- BRATT, J. D. (ed.). **Abraham Kuyper: a centennial reader**. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.
- BURGER, H. HUIJGEN, A. PEELS, E. (ed.). ***Sola Scriptura***: biblical and theological perspectives on Scripture, authority, and hermeneutics. Leiden: Brill, 2018.
- CADY, L. E.; BROWN, D. (ed.). **Religious studies, theology, and the university: conflicting maps, changing terrain**. Albany: State University of New York, 2002.
- CARROLL, J. W. **An introduction to metaphysics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CARSON, D. A. (ed.). **The enduring authority of the Christian Scriptures**. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.
- CASTELLI, E. A.; MOORE, S. D.; PHILLIPS, G. A.; SCHWARTZ, R. M. (ed.). **The postmodern Bible: the Bible and culture collective**. New Haven: Yale University Press, 1997.
- ELIOT, T. S. **Collected poems 1909–1962**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1991.
- EVANS, C. S. Afterword – The Bible and the academy: some concluding thoughts and possible future directions. In: JEFFREY, D. L.; EVANS, C. S. (ed.). **The Bible and the university**. Grand Rapids: Zondervan, 2007. p. 313-314.
- EVANS, G. R. **Old arts and new theology: the beginnings of theology as an academic discipline**. Oxford: Clarendon, 1980.
- EVANS, G. R. **The language and logic of the Bible: the earlier middle ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- GOETHE, J. W. **Faust, parts one and two**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- GOSSAI, H. (ed.) **Postcolonial commentary and the Old Testament**. New York: T&T Clark, 2019.
- HARINK, D. Taking the university to church: the role of theology in the Christian university curriculum. **Christian scholars review**, v. 28, n. 3, p. 391, 1999.
- HARVEY, V. A. **The historian and the believer: the morality of historical knowledge and Christian belief**. Chicago: University of Illinois Press, 1996.
- HASKINS, C. H. **The rise of universities**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1957.
- HAY, A. R. **God's shining forth: a trinitarian theology of Divine light**. Eugene, OR: Pickwick, 2017.
- JARDINE, L (ed.). **Erasmus: the education of a Christian prince**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.



JEFFREY, D. L.; EVANS, C. S. (ed.). **The Bible and the university**. Grand Rapids: Zondervan, 2007.

JOWETT, B. **The interpretation of Scripture and other essays**. London: George Routledge & Sons, 1907.

LEGASPI, M. C. **The death of Scripture and the rise of biblical studies**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LENNOX, J. **Can science explain everything?** Oxford: The Good Book Company, 2019.

LEWIS, C. S. **God in the dock: essays on theology and ethics**. Grand Rapids: Eerdmans, 1970.

GOETHE, J. W. **Faust, parts one and two**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MACDONALD, S. (ed.). **Being and goodness: the concept of the good in metaphysics and philosophical theology**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1991.

MAKKREEL, R. A.; RODI, F. **Wilhelm Dilthey: selected works**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991. v. 1.

MATHISON, K. A. **The shape of *Sola Scriptura***. Moscow, ID: Canon Press, 2001.

MIDGLEY, M. **Wisdom, information, and wonder: what is knowledge for?** Londres: Routledge, 1989.

MORELAND, J. P. **Scientism and secularism: learning to respond to a dangerous ideology**. Wheaton, IL: Crossway, 2018.

MORGAN, R. BARTON, J. **Biblical interpretation**. Oxford: Oxford University Press, 1988.

MORRIS, T. V. **Making sense of it all: Pascal and the meaning of life**. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.

NEWMAN, J. H. **The idea of a university**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1982.

NEWSOM, C. A.; RINGE, S. H.; LAPSLEY, J. E. (ed.). **The women's Bible commentary**. 3. ed. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2012.

NUSSBAUM, M. C. **Not for profit: why democracy needs the humanities**. Princeton: Princeton University Press, 2010.

PEACOCKE, A. **Theology for a scientific age: being and becoming—natural, Divine, and human**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1993.

PECKHAM, J. C. **Canonical theology: the biblical canon, *sola Scriptura*, and theological method**. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

PETERSON, E. H. **Subversive spirituality**. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.



PLANTINGA, A. Should methodological naturalism constrain science? *In*: LULEY, S. B.; COPAN, P.; WALLACE, S. W. (ed.). **Science: Christian perspectives for the new millennium**. Addison, TX: Christian Leadership Ministries, 2003a. p. 107-134.

PLANTINGA, A. Two (or more) kinds of Scripture scholarship. *In*: BARTHOLOMEW, C.; EVANS, C. S.; HEALY, M.; RAE, M. (ed.). **"Behind" the text: history and biblical interpretation**. Grand Rapids: Zondervan, 2003b. p. 19-57.

PLANTINGA, A. **Where the conflict really lies: science, religion, & naturalism**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

PLANTINGA JR., C. **Reading for preaching: the preacher in conversation with storytellers, biographers, poets, and journalists**. Grand Rapids: Eerdmans, 2013.

RAMM, B. **The Christian view of science and Scripture**. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

RAMOS, A. M. **Dynamic transcendentals: truth, goodness, and beauty from a Thomistic perspective**. Washington, DC: Catholic University of America Press, 2012.

RATZSCH, D. **Science & its limits: the natural sciences in Christian perspective**. 2. ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000.

ROBERTS, R. C.; WOOD, W. J. **Intellectual virtues: an essay in regulative epistemology**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ROH, M. S. **Beyond the university: why liberal education matters**. New Haven: Yale University Press, 2014.

RYLE, G. **The concept of mind**. Londres: Hutchinson's University Library, 1949.

SAINT BONAVENTURE. **St. Bonaventure on the reduction of the arts to theology**. Saint Bonaventure, NY: Franciscan Institute, 1996.

SANDERS, F. **The triune God**. Grand Rapids: Zondervan, 2016.

SCHLEIERMACHER, F. **The Christian faith**. Edimburgo: T&T Clark, 1928.

SEGOVIA, F. F.; SUGIRTHARAJAH, R. S. (ed.). **A postcolonial commentary on the New Testament writings**. New York: T&T Clark, 2009.

SMITH, C. **The Bible made impossible: why biblicism is not a truly evangelical reading of Scripture**. Grand Rapids: Brazos Press, 2012.

SMITH, M. A. **Secular faith: how culture has trumped religion in american politics**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

SENNETT, J. F. (ed.) **The analytic theist: an Alvin Plantinga reader**. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.



SULLIVAN, J. Reading habits, Scripture and the university. *In*: JEFFREY, D. L.; EVANS, C. S. (ed.). **The Bible and the university**. Grand Rapids: Zondervan, 2007. p. 216-239.

TAYLOR, C. **A secular age**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

TORRANCE, T. F. **Divine and contingent order**. Edinburgh: T&T Clark, 1981

TORRANCE, T. F. **Theological and natural science**. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2002.

TRACY, D. **Blessed rage for order: the new pluralism in theology**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

VANHOOZER, K. J. **First theology: God, Scripture & hermeneutics**. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2002.

VANHOOZER, K. J. **Remythologizing theology: divine action, passion, and authorship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

VANHOOZER, K. J. Theological commentary and “the voice from heaven”: exegesis, ontology, and the travail of biblical interpretation. *In*: PORTER, S. E.; SCHNABEL, E. J. **On the writing of New Testament commentaries**. Leiden: Brill, 2013. p. 269-298.

VANHOOZER, K. J.; TREIER, D. J. **Theology and the mirror of Scripture: a mere evangelical account**. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2015.

VANHOOZER, K. J. **Faith speaking understanding: performing the drama of doctrine**. Louisville: Westminster John Knox, 2015.

VANHOOZER, K. J. **Pictures at a theological exhibition: scenes of the church, worship, and witness**. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2016.

VANHOOZER, K. J. From Bible to theology. *In*: DOCKERY, D. (ed.). **Theology, church, and ministry: a handbook for theological education**. Nashville: B&H, 2017. p. 233-256.

VANHOOZER, K. J. Being biblical in a pluralistic age. **Andrews University Seminary Studies**, v. 57, n. 2, p. 305-326, 2019a.

VANHOOZER, K. J. **Hearers and doers: a pastor’s guide for making disciples through Scripture and doctrine**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2019b.

VANHOOZER, K. J. “That’s the spirit!” Or, what exactly does spiritual formation? *In*: HIESTAND, G. L.; WILSON, T. (ed.). **Tending soul, mind, and body: the art and science of spiritual formation**. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2019c. p. 49-66.

VANHOOZER, K. j. The theology of wisdom: creation as context; Christ as content; canon as curriculum. *In*: MEADORS, E. P. (ed.). **Where wisdom may be found: the eternal purpose of Christian higher education**. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2019d. p. 43-55.



VANHOOZER, K. J. Ser bíblico em uma época pluralista. **Kerygma**, v. 20, n. 1, p. 1-29, 2025.

VOLF, M.; CROASMAN, M. **For the life of the world: theology that makes a difference**. Grand Rapids: Brazos, 2019.

WEBSTER, J. **The domain of the word: Scripture and theological reason**. London e New York: Bloomsbury T&T Clark, 2012.

WEBSTER, J. **God without measure: working papers in Christian theology**. London: Bloomsbury T&T Clark, 2016. v. 2.

WHIDDEN III, D. L. **Christ the light: the theology of light and illumination in Thomas Aquinas**. Minneapolis: Fortress, 2015.

WILLARD, D. The Bible, the university, and the God who hides. *In*: JEFFREY, D. L.; EVANS, C. S. (ed.). **The Bible and the university**. Grand Rapids: Zondervan, 2007., p. 17-39.

WILSON, E. O. **Sociobiology: the abridged edition**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1980.

WILSON, E. O. **The meaning of human existence**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2014.

WOLTERS, A. Bavinck on faith and science. *In*: MEER, J. M. (ed.). **Facets of Faith and Science**. Lanham, MD: University Press of America, 1996. p. 33-56. V. 2.

WOLTERS, A. No longer queen: the theological disciplines and their sisters. *In*: JEFFREY, D. L.; EVANS, C. S. (ed.). **The Bible and the university**. Grand Rapids: Zondervan, 2007. p. 59-79.

WOLTERSTORFF, N. **Reason within the limits of religion alone**. Grand Rapids: Eerdmans, 1984.

WRIGHT, N. T. **The New Testament and the people of God**. London: SPCK, 1993.

YOUNG, S. E. **Scholarly community at the early university of Paris: theologians, education and society, 1215-1248**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

ZAGZEBSKI, L. **Virtues of the mind: an inquiry into the nature of virtue and the ethical foundations of knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.